



A ELITE DE TEH-KHET E A BAIXA NÚBIA NA AURORA DO REINO NOVO:  
DESLOCAMENTO, DOMINAÇÕES E NEGOCIAÇÕES CULTURAIS (FÁBIO AMORIM  
VIEIRA)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestrado - CAPES

fabioamorimvieira@gmail.com

“A ocupação egípcia da Núbia no Reino Novo foi”, afirmou William Adams, “pela primeira vez, colonização no verdadeiro sentido do termo” (ADAMS, W. Y., 1984). Desde então, a egiptologia por meio da historiografia e da literatura arqueológica vêm tornado crescente o foco de análise aos espaços núbios, especialmente na sua relação com o poder expansionista egípcio do Reino Novo. Contudo, é marcante na trajetória de pesquisa a persistência da história núbia na sombra hegemônica de poder e subjugação ao estado faraônico. Tal perspectiva, a posicionar Núbia e Egito em diferentes patamares de confluência política e cultural, reduz as complexidades presentes em um contexto de densas relações de poder na antiguidade. A espelhar a oficialidade egípcia como única alternativa ao aparente silêncio núbio, a tradição egiptológica vem insistido na assimilação de núbios aos projetos coloniais de dominação cultural faraônica na política do Reino Novo. As últimas décadas, porém, marcam a publicação de trabalhos recentes cujo enfoque se dá na problematização da dominação egípcia do espaço núbio a partir de novas abordagens e leituras a fontes egípcias e núbias. Esta proposta de comunicação debruça-se sobre a análise de espaços da Baixa Núbia e suas relações com o avanço faraônico na XVIII dinastia, aurora do Reino Novo. Do processo de domínio faraônico, fontes como a estela de Thutmose II em Aswan apresentam a prática egípcia de tomada de herdeiros da elite núbia a receberem instruções e saberes da corte faraônica sob uma política de dominação a ansiar conexões administrativas e culturais, pautadas em laços de educação de membros das elites do Sul aos costumes egípcios. Localizada no norte núbio, a Baixa Núbia no período em questão servia de espaço para



principados e organizações políticas sob controle de elites locais. Próximo à segunda catarata do rio Nilo, localizava-se o principado de Teh-Khet, cujos registros arqueológicos explorados na década de 1960 por Torgny Säve-Söderbergh revelaram por meio da cultura material aspectos interessantes das elites núbias em contato com o poder oficial e as forças militares da XVIII dinastia egípcia. Focam-se nesta análise os espaços tumulares e a cultura material funerária de Djehutyhotep e Amenemhat, irmãos e príncipes de Teh-Khet. Fortemente conectados com os cânones funerários egípcios, elementos das tumbas dos dois príncipes locais como estelas funerárias, escaravelhos e ushabtis de pedra e vasos canópicos expressam a densidade do projeto de dominação cultural egípcia às elites núbias em paralelo às edificações de templos e assentamentos no sul do Egito. No entanto, elementos minuciosos desta cultura material rica em hieróglifos egípcios apresentam contra fluxos à hegemonia faraônica, como nomeações estranhas à tradição egípcia, possivelmente núbias, além de menções a deuses locais. Percebendo estas variações culturais nas fontes concernentes aos príncipes de Teh-Khet enquanto casos particulares, mas representativos à compreensão de microcosmos (C. Ginzburg, 2006) núbios inseridos na complexidade da Núbia sob o Reino Novo, pode-se entender a experiência de poder egípcio no Sul enquanto uma complexa trama tecida por imposições coloniais, adaptações e negociações a demonstrarem a porosidade dos projetos de dominação.

**Palavras-chave:** Núbia, Egito, Reino Novo, Cultura, Deslocamento.